ANNO 9.º — Sexta-feira, 2 de Fevereiro de 1917 — (AVENÇA) — Numero 458

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(•)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Officina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

DEVER GLORIOSO

Tal qual os individuos, é pelo cumprimento do dever, pela observancia dos preceitos da honra, que as nações se dignificam e engrandecem, pelo menos moralmente.

Ora, no solene momento historico que a humanidade atravessa, qual era o imperativo dever de Portugal?

A resposta, para todos os portuguêses dignos deste nome, só póde ser uma unica: defender a independencia nacional, herança sagrada dos nossos maiores, á custa dos maximos sacrificios por eles cimentada, e honrar os compromissos internacionaes que constituem a mais segura garantia da autonomia luzitana.

A Alemanha, no delirio monstruoso das suas aspirações pangermanistas, alêm de pôr em perigo a independencia do territorio metropolitano português, ameaçava de morte o nosso dominio colonial, brazão do épico esforço civilisador que tornou o nome de Portugal para sempre imortal na historia. A irem por deante os hediondos planos de rapina germanicas, em breve Angola, Moçambique e as ilhas portuguêsas do Atlantico fulgurariam, como joias inestimaveis, na corôa do imperio colonial alemão.

Por outro lado, uma série de tratados, o primeiro dos quaes datando de 1373—isto é, de plena Edade Média, reinando, ao tempo, nas duas potencias pactuantes Fernando I e Eduardo III, este ultimo de gloriosa memória—prescrevem, sem possiveis subterfugios, a Portugal e á Inglaterra o dever de mutua assistencia em caso de guerra.

Em obediencia ás clausulas de esses tratados, armas inglezas fulguraram, a par das portuguêsas, ao sol épico de Aljubarrota. Nos dias tragicos da dominação espanhola, foi em Inglaterra e na França que o Prior do Crato encontrou auxilio para a frustrada empreza da restauração da independencia de Portugal. Quando, no começo do seculo passado, a águia napoleonica nos empolgou, foi da Gran-Bretanha que nos veio socorro eficaz. E isto citando, apenas, os factos capitaes da historia da aliança luso-britanica.

Nestas condições e sendo positivo que a Alemanha se preparava para atacar a independencia e a integridade de Portugal e, sobretudo, a integridade das nossas possessões ultramarinas e, por outro lado, sendo mais que certo que a Inglaterra, baseando-se no pacto de aliança que a ela nos liga, invocou o nosso auxilio armado, qual o dever de Portugal?

A resposta, para quantos não estejam insanavelmente pervertidos pelo facciosismo monarquico-jesuitico, pelo egoismo, ou pela cobardia, tem, fatalmente, que ser uma unica—prestar-lho.

O iniludivel dever de Portugal era entrar, e com o maximo esforço possivel, na luta contra a Alemanha, fazendo brilhar nos campos de batalha africanos e, sobretudo, nos da Europa—que é onde hão-de decidir-se os destinos da humanidade e, por consequencia, os nossos—a sua velha espada de guerreiro encanecido pelos sóis de mil campanhas.

* *

Ainda bem que está iminente o cumprimento integral desse dever.

Frustrados todos os esforços que a traição, a cobardia e o egoismo, em nauseante concordancia, debalde tentaram suscitar, dentro em breve os soldados portuguêses, honrando oito séculos de gloriosas tradições guerreiras, vão, nos campos de batalha gauleses, cooperar na obra nobilissima do aniquilamento do lugubre pesadelo pan-germanista.

As sombras dos navegadores que devassaram o *mar tenebroso*, que fizeram o périplo de Africa e circum-navegaram o globo e as dos guerreiros que pelejaram em Ourique, Navas de Tolosa, Aljubarrota, Ceuta, Tanger, Gôa, Diu, Malaca, Linhas de Elvas, Montes Claros, Roliça, Bussaco, Fuentes de Oñoro, Victoria e Tolosa—feitos imortaes que fizeram eterna na historia a memoria do valor portuguêz—despertam e contemplam, com enternecido orgulho, os que, seguindo-lhes os impereciveis exemplos, vão agora batalhar pela independencia e pela honra de Portugal.

O sol da gloria fulgura, bem alto, nos céus...

Em vão, condensando-se em pestilentas nuvens miasmáticas, a cobardia, a traição, as mais fetidas escorrencias de almas latrinárias, tentaram empanar-lhe o brilho.

Um vento salubre repeliu essas nuvens, esfarrapou-as, desfê-las na infinita amplidão azul... E Portugal, argonauta imortal, cantado na lira de oiro de Camões, corre para o sol da gloria...

Honra aos que, escutando sómente as vozes puras do patriotismo, souberam, através de todos os perigos, traições, perfidias, duplicidades, egoismos e aleivosias, erguer o velho guerreiro lusitano do charco estagnado do comodismo, poupando-o ás vergonhas que está sofrendo a humilhada Grecia desse escarro coroado—digno cunhado de Guilherme II da Alemanha—que dá pelo nome de Constantino I!

Gloria aos que, arrostando com os maximos perigos e oferecendo-se aos mais crueis sacrificios, vão combater pela independencia e pela honra nacionaes!

E vergonha eterna aos cobardes que, na sua desmedida vileza, infamam não só o proprio nome, mas, até, o da espécie a que pertencem!

Films . . .

Assistencia religiosa

Como é sabido, o govêrno da Republica publicou um decreto pelo qual é permitida aos soldados portuguêses na guerra a assistencia religiosa, caso a reclamem. Vai se não quando, o que hade lembrar a um deputado chamar-lhe em pleno parlamento? Nada menos do que isto: uma burla, uma insidia e um escarneo!

Quasi que estâmos de acordo. Se *a Republica não reconhece, não sustenta nem subsidia culto algum*, como está expresso na lei da Separação, sem que contudo se cumpra o artigo que tal prescreve, os catolicos teem carradas de razão em não se conformarem com o estatuido agora.

Quando hão-de ter os estadistas republicanos a coragem de manter intactas as leis promulgadas e postas em vigor? Quando?

Um felizão!

Aludindo ao que aqui temos publicado sobre as *flutuações* dum correligionario do sr. Afonso Costa, apadrinhado pelo sr. governador civil e com chancela das *associações rubras de socorros mutuos*, o estimavel confráde pombalense *O Imparcial* escreve no seu numero de 28 de Janeiro:

> O nosso presado coléga de Aveiro, *O Democrata*, enumerando aos seus leitores os cargos que exerce certo politico da terra, diz que ele é, além de censor, amanuense do govêrno civil, secretário da Estatistica, administrador do concelho, comissario de policia, membro da Comissão Municipal do P. R. P. e ainda secretário da Comissão Distrital do tambem P. R. P.
>
> Esta coisa do P. R. P. é que nos dá cá no gôto. Pertencerá o homem áquele grande comité nacional *Prô Raio que os Parta?*
>
> Se calhar...

Por esta é que nós não esperavamos. Mas como quem se obriga a amar diz o ditado que se obriga a padecer, tenha paciencia o felizão—que tudo isto não é por mal.

O mêdo duma indigestão, creia, vem a ser a unica coisa que nos faz falar...

Porque, de resto, a moralidade do caso nem se discute.

Duas datas

Passaram ante-ontem e ontem os aniversarios de dois acontecimentos historicos que, visando ao mesmo fim, se produziram, contudo, em épocas diferentes.

O 31 de Janeiro marca o primeiro baptismo de sangue que a Republica recebeu em Portugal; o dia 1 de Fevereiro a queda estrondosa duma ditadura feroz, que muito contribuiu para a deposição da monarquia, abalada, desde que em 1891 um punhado de patriotas ensaiou a tentativa revolucionaria com que se propunha derrubar o trono.

São duas datas ligadas que jámais poderão esquecer.

Comem todos...

O snr. ministro da Instrução telegrafou para a secretaria do liceu, ordenando a admissão á matricula da 7.ª classe de quaesquer estudantes que a requeiram e estejam nas mesmas condições do aluno da cadernêta ilegal ultimamente autorisado a frequentar as aulas.

E' consoante queria o sapateiro de Braga: não havendo moralidade, comam todos...

Abençoado ministro!

"ATLANTICA„

Desta conceituada companhia de seguros e por intermedio do seu representante em Aveiro sr. Antonio Marques da Cunha, acabâmos de receber um artistico *Album de Portugal*, contendo muitas e apreciaveis gravuras representativas de lindas paizagens do norte, alêm doutros assuntos escolhidos pelo fotografo Alvão, dignos de se conhecerem, o que tudo constitue um valioso brinde para os que preferem a *Atlantica* a qualquer das outras companhias que fazem seguros contra fogo, roubo, gréves, tumulto, guerra civil e maritimos, existentes no nosso pais.

Ao mesmo tempo foi-nos entregue tambem um calendario para o corrente ano, ofertas estas que nos apraz registar com reconhecimento.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ala.*

Desabafos...

—(•)—

Lê-se na *Montanha* de terça-feira:

> Lamenta o nosso presado colega *O Mundo* que elementos republicanos sejam alvo de más vontades na corporação dos bombeiros municipaes de Lisboa.
>
> Isto é o pão nosso de cada dia... Republicanos de sempre, sacrificados, perseguidos, vexados, continuam a ser vexados, perseguidos e sacrificados!
>
> Os seus perseguidores de hoje são os mesmos de ontem, com a diferença de que no presente os inimigos dos que defendem a Republica, acoitam-se nos melhores logares, *fazem* leis e ditam sentenças...
>
> Outros então, que julgavam uma utopia a proclamação da Republica em Portugal e que passavam o tempo nos cafés a blaguear dos republicanos, foram guindados a *orientadores* e a *conselheiros* dos velhos lutadores!
>
> Os *cristãos* novos empunham as folhas de carvalho e marcham gloriosos, na conquista dos louros da victoria...
>
> Triunfam, sobre o esquecimento a que foram lançados aquelles que até muitas vezes a propria vida arriscaram pelo ideal que eles nunca tiveram, mas que apareceram agora mais republicanos do que os que nunca foram outra coisa.

Cá como lá, caros amigos do *Mundo*.

A *fita* continua. Protegem-se creaturas que enxovalham constantemente a Republica e fazem das repartições publicas as mais seguras trincheiras para os ataques ao regimen; dão-se logares a creaturas que ninguem sabe de onde elas vieram e que estão sempre de acordo com tudo e com todos, desde que não os incomodem nas digestões...

Mas a culpa não é, positivamente, dos *camaleões* da Republica...

Alvo de más vontades... Não! Victimas daqueles que já não sentem os sacrificios feitos noutros tempos e que abandonaram no caminho os seus companheiros de luta, dando agasalho aos inimigos e videirinhos...

Esta é a triste verdade!

Cá como lá, caros amigos do *Mundo* e da *Montanha*—repetimos nós.

Ainda bem que não sômos os unicos *indisciplinados*...

O Regulamento da Ria

e a imprensa distrital

—(•)—

Pousa sobre a nossa mesa de trabalho o ultimo numero do *Concelho de Estarreja* em que se fazem referencias ao artigo publicado no *Democrata*, a proposito da interpelação do deputado sr. Brito Guimarães.

Não dispômos de tempo para lêr, quanto mais para comentar, todas as produções literarias, ou scientificas, que esmaltam certa imprensa do nosso distrito. A probidade que nos leva a escrever apenas sobre assunto que conheçamos, tambem nos leva a desdenhar tudo quanto é escrito fóra da regra que seguimos. Fazemos hoje, porêm, uma excepção para esclarecer uma questão primacial desvirtuada na sua essencia, e na sua fórma, pelos interesses mesquinhos de uns, e pela ignorancia de outros.

Os dois pólos do arrazoado do *Concelho de Estarreja* definem-se com precisão: de um lado blandicias ao nosso ilustre amigo sr. dr. Brito Guimarães; do outro insultos ao proletariado maritimo. O articulista, cujo pensamento gerou esta malevolencia quasi inconsciente, ignora que a cortezia é obrigação entre pessoas cultas, bem educadas, o bastante para se respeitarem mesmo nas suas profundas divergencias politicas, e tambem desconhece que é da mais elevada moral não lisongear, mas sim censurar os vicios que envilecem uma classe.

Ha alguem que ignore os terriveis estragos do alcoolismo no proletariado maritimo? Só isto nos daria para um longo capitulo de amargas reflexões sobre inumeros factos, de que talvez o colaborador do semanario estarrejense tenha tirado proveito, se é viticultor ou fabricante de aguardente...

Pois não ha duvida alguma de que muito lhe poderiamos dizer ácerca de aguas, fundos, rêdes e peixes, sem que a estes nos possâmos dirigir, como fez Santo Antonio, e sobre pescadores e desgraças que os affligem, como o alcoolismo e a usura, sem que tenhamos ouvido, ao menos um, de confissão para indagar quantos quartilhos de alcool ingeriu durante o ano, e qual a taxa do juro que pagou por comer adeantado.

Neste assunto confessâmos o pecadilho da curiosidade, com que pelos modos não simpatisa a virtude oposta do bom homem com quem falâmos.

Tambem lhe poderiamos dizer quanto rende uma *mugeira*, um *chinchorro*, uma *garateia*, um *salto*, ou uma *solheira*; podemos, porêm, afirmar que não pertencemos á espionagem alemã, que pelo contrario temos os nossos papeis em rigorosa ordem, e tanta *sabedoria* apenas resulta do habito de cogitar sobre estas coisas minimas, que os *grandes pensadores* desdenham.

Mas o *Concelho de Estarreja* impõe-nos a obrigação de dizer alguma coisa.

A sistematica devastação, progressivamente agravada pelo aumento da população maritima, a que a ria esteve sugeita durante mais de meio seculo, deu este esplendido resultado: para que a ria tivesse produzido em 1913 o mesmo que produziu meio seculo antes, fazendo a correcção devida á crescente valorisação do peixe, o valor da sua produção devia ter sido de 120 a 130 contos.

Esse valor não excedeu, porêm, 50 contos!

No referido ano de 1913 o *deficit* da desvastação foi, portanto, de 70 a 80 contos; calcule-se o *deficit* em cada um dos cincoenta anos precedentes e teremos uma totalidade de alguns milhares de contos. E' de notar que durante este largo periodo se fizeram várias tentativas para evitar semelhante desastre; registre-se a de Fonseca Regala que tomou a fórma de um estudo notavel e que serviu, no seu metodo, de guia a todos os estudos posteriores.

Os esforços dos funcionarios competentes para ordenar e moralisar a exploração foram constantemente mal sucedidos; o dominio da politiquice, baseado na desgraçada condição mental e moral do proletariado maritimo, foi absoluto. A melhor *porca eleitoral*, a que gerou mais *bácoros*, em todo o periodo constitucional, foi a ria de Aveiro. Por uma inversão de objectivos, propria das administrações desmoralisadas, qualquer regulamentação que aparecia não esterilisava, antes estimulava a *porca* para sucessivas fecundações.

E assim se perderam milhares de contos e se criou o grave problema economico da vida da população maritima. Os ilustres próceres, que saíram de tão impuras entranhas, não cuidavam de bagatelas.

Pensamos que o *deficit* da devastação começa a ser coberto. Só quem ignora a dificuldade que ha em remediar tão gráves atentados contra todos os principios biologicos, poderá esperar que a abundancia seja um facto dentro de breve tempo. A estatistica ainda não póde fornecer-nos elementos para uma apreciação definitiva, mas vâmos a caminho disso.

Aos cincoenta contos de 1913, ano em que entrou em plena execução a nova ordem na exploração, e que representam com pequena diferença a média da produção nos ultimos 20 anos, opõe já 60 contos em 1914 e 70 contos em 1915, apezar das contingencias a que a

industria está sujeita, e cuja influencia nas médias só poderá ser considerada ao cabo de um periodo de observação suficientemente largo. Evidentemente em 1914 não poderemos tomar em consideração qualquer acção reflexa de carestia resultante da guerra; em 1915 essa acção reflexa deve ainda ser pequena, sendo de esperar que venha a evidenciar-se mais em 1916, quando podermos ter a estatistica.

A carestia do peixe póde afligir, e com certeza aflige, o consumidor; a quem decerto não aflige é ao pescador, que deve por sua vez ter na devida consideração a carestia do milho.

E' pueril pensar que o regulamento deu logar a qualquer baixa na produção, por terem sido eliminadas duas especies de aparelhos de pesca—*chincha* e *botirão* indiscutivelmente nocivos, e um terceiro—a *fisga*—de que adeante nos ocuparemos. Pelo contrario, a suspensão da sua actividade destructiva melhorou as condições de exploração dos restantes aparelhos, ao todo uns onze, que ficaram em campo. E' a isto que se chama proibir a pesca! Podemos verificar que é exactamente nos aparelhos especialisados na pesca das especies, que a regulamentação protege, que se dá o aumento de capitação do peixe.

Houve portanto um deslocamento de interesses. E' humano que protestem os eliminados, como ha pouco protestáram os carreiros da cidade contra a construção da linha de S. Roque, como protestáram os donos das diligencias contra os caminhos de ferro, como protestáram as companhas da costa contra as traineiras, e todavia fizeram-se os caminhos de ferro, e outros se farão ainda, e tambem já temos traineiras. Sob este aspecto, devemos estudar o problema no sentido de procurar, com o minimo de perdas, um novo equilibrio. Se esse equilibrio se não conseguiu já em bôas condições deve-se à má fé dos que exploram estes movimentos com máus intuitos, e que não admitem as soluções logicas, mas sim os que lisongeiam a multidão, e ao proletariado cujo reconhecido misoneismo lhe impede uma nitida visão dos sêus proprios interesses. A solução não era tão dificil como a quizeram apresentar.

Evidentemente, a prosperidade de uma industria extractiva póde avaliar-se pelo numero de maquinas e de trabalhadores que emprega; onde não ha que extraír não aparecem nem umas nem outros. O numero de embarcações de pesca que na ria de Aveiro era de 599 em 1913 passou, na integral vigencia do Regulamento, a 683 em 1916, o que teria dificil explicação sem o aumento de produção. E os barcos que se empregavam na exploração com aparelhos nocivos agora eliminados? A grande maioria passou a empregar aparelhos similares permitidos, ou outros mais simples, mas productivos; os que desapareceram foram cobertos por novas entradas para as artes mais importantes.

Deixamos estas verdades entregues á reflexão dos leitores imparciaes, na certeza de que as suas conclusões serão severas contra todos os que, sem elementos, sem qualquer estudo prévio, pretendem orientar a opinião num problema que, diariamente o demonstram, não teem competencia para resolver.

Por ultimo, mais uma vez se apresenta o unico principio que póde reunir todos os portuguêses numa tocante comunhão de ideias, e que foi energicamente formulado pelo sapateiro de Braga, nestes bem conhecidos termos: *ou ha moralidade, ou comem todos!* Ou todos pescam com a fisga, ou não pesca ninguem.

A fisga é um *garfo* imenso e como instrumento convem á primeira parte do principio do famoso sapateiro; como processo de pesca é eminentemente destructivo não pelo que pesca, mas precisamente pelo que toca, não pesca, e todavia mata.

A pesca nas aguas salobras chegou entre nós á maior decadencia; só agora a regulamentação começa a dar os seus fructos, mas a sua produção ainda está muito longe do que póde e deve ser. A ria de Aveiro entra aproximadamente com 50 p. c. da sua totalidade. E queria o *Concelho de Estarreja* que deixássemos este resto de riqueza entregue á furia devastadora do seu *garfo!*

Ainda ha pouco tempo, no Rio Lima, tendo assistido ao emprego deste barbaro processo nos admirámos da sua improductividade. Devidamente informados soubémos que, como todos os processos destructivos, eliminára os outros e estava a caminho de se eliminar a si mesmo. Nós optàmos pela primeira parte do principio sapateiral: haja moralidade e ninguem pesque com a fisga.

Quando, ha bastantes anos, o destino levou num mez de inverno, tepido e luminoso, a percorrer a costa da Italia, um amigo nosso, disse-nos ele que lhe feriu a atenção a limitada actividade da industria da pesca. Que contraste com a costa do Algarve em mezes sucessivos de laboriosa faina! O consul explicou então que aqueles mares, antes piscosos, estavam exaustos; a industria, abandonada ao instincto do pescador descera a uma produção minima. Tarde e a más horas decretaram-se providencias protectoras, depois de longos e laboriosos estudos, e á sombra delas iniciára-se a sua regeneração economica. Entre nós, caso raro na nossa administração, houve previdencia, e as medidas protectoras ainda viéram a tempo. Se os menos aptos ainda sofrem em resultado duma selecção necessaria, num futuro proximo todos terão que comer.

O *Concelho de Estarreja*, partidario da moral do sapateiro psicologo para resolver estes problemas, o que racionalmente o levaria a uma *moralidade* baseada no facto de ninguem comer por já não haver que comer, proclama a falencia da sciencia para resolver o problema economico da ria de Aveiro: o empirismo do pescador deve prevalecer sobre a sciencia. Limitâmo-nos a pôr em evidencia mais este criterio, para que os leitores inteligentes vejam até onde póde chegar a estulticia da ignorancia, e quem é que aí faz a *defêsa* do proletariado da ria.

O arrasoado, que de tão má vontade comentâmos, conclue por considerar o nosso artigo como uma provocação dirigida aos pescadores. Nos tempos idos da nossa mocidade ouvimos um dia um pobre diabo, que tinha a monomania de lêr muitos livros, chamar *austéro* e *conciso* a um espirituoso que o beliscára, e disto se vangloriava depois gritando: «Até lhe chamei *austéro* e *conciso!*» Tendo lido a biografia de um escritor apresentado como caracter austéro e escritor conciso, o seu bestunto engendrára um sentido muito especial para estas palavras. Tinha, porêm, um merecimento: não escrevia nos jornaes...

UM EXEMPLO VALIOSO

Na incompreensão, propositada ou inconsciente, do momento excepcional que a humanidade atravessa, vae por esse país fóra um côro de lamentos e de protestos, suscitados pelas imprescindiveis restrições que as circunstancias reclamam.

Umas vezes sincéras, outras filhas de mera especulação politica, quando não anti-patriotica, o certo é que esse côro importuno de protéstos não deixa de se fazer ouvir.

Em anteriores artigos, temos aludido a eles, ensaiando demonstrar a sua sem razão, pois que o que, em materia de restrições, se está passando em Portugal, nada mais é que um pálido reflexo do que vae por todos os países beligerantes.

Todavía, para melhor evidenciar a sem-razão de taes protestos e lamurias, vamos transcrever as seguintes informações, que *O Mundo* recebeu por carta de Paris e que publicou no seu n.º de 25 de Janeiro ultimo:

Os que aí protestam contra a economia de luz, segundo vejo em alguns jornaes, deviam vir vêr o que se passa aqui na cidade... luz.

A's 21 horas e meia apaga-se tudo. Estejam ou não freguezes nas lojas, tudo se apaga. Nas ruas os candieiros acendem-se de 100 em 100 metros, durante certas horas, porque ás 23 fica só aceso um candieiro em cada rua. O *boulevard* dos Italianos, a Avenida da Opera, todas essas ruas que eram o encanto dos estrangeiros, estão absolutamente ás escuras. Anda-se pelas ruas de lampada electrica de algibeira! Nos hoteis não ha aquecimento, nem banhos, para não gastar gaz. Nas casas particulares ha o mesmo rigor. E ninguem protesta. Até os jornais mais oposicionistas não protestam, antes convencem o público de que é preciso economizar. E aqui ha bem mais carvão do que em Portugal. Esse nosso país é unico!

Que os *protestantes* portuguêses se vejam neste espelho...

João Pinto de Miranda

A sua morte

Humedecemos hoje nas nossas proprias lagrimas, a penna com que traçâmos estas linhas, repassadas de luto e de saudade por o amigo querido que uma lufada de imprevista desventura, em curtas horas nos levou!

Poucas, pouquissimas vezes temos escrito como agora tão amargurados, com o coração sangrando de profunda dôr, subjugados pela desdita, que nos surpreende e esmaga com o peso cruel e impiedoso da fatalidade inesperada e cruenta!

Habituados ha tanto ao seu convivio, avaliando as suas virtudes e a elevação do seu caracter, crentes no mesmo ideal, soldados da mesma causa, sentimos no coração o vacuo enorme, a dôr irreparavel pela sua perda, que o nosso espirito repele, mas que a terrivel realidade nos impõe!

Não ha que duvidar. João Pinto de Miranda, o velho e querido amigo, não vive já entre nós. Venceu a Morte, triunfou o Exterminio! Nem todos os recursos da sciencia, a persistente ternura dos seus, a dedicação inexcedivel dos amigos, nada deteve o avanço horrendo do cortejo sinistro que o arrebatou, quando enganadoras e traiçoeiras melhoras aceleravam em todos os corações o palpitar ardente da Esperança!

Tinha de ser e assim foi!

João Pinto de Miranda, surpreendido pelos primeiros rebates da doença que o havia de matar, uma pneumonia infecciosa, conservou-se ainda alguns dias no posto do seu honrado trabalho, passando contudo horas recostado, até que a gravidade do mal, subitamente manifestada, o obrigou a recolher ao leito onde bem pouco tempo depois teria de, com a tranquilidade de um justo, calma e serenamente, exalar o derradeiro alento.

Assim, cêrca das cinco horas de 29 do mez findo extinguia-se a vida daquele que foi o modelar amigo, alma generosa e bôa, praticando no recato da sua existencia actos de verdadeiro altruismo, acudindo sempre em lances bem gráves a quantos a ele se chegavam implorando o seu valimento, o seu conselho e o seu auxilio, até mesmo com enorme prejuizo dos seus proprios interesses.

A noticia do fatal acontecimento correu veloz por toda a cidade, como todas as más novas, levando a consternação a muitos e o desespero aos que se não conformavam com tamanha perda, tão extraordinaria fatalidade.

* * *

João Pinto de Miranda nasceu em Aveiro a 18 de fevereiro de 1854, contando pois 62 anos incompletos. Em 1863, com 9 anos de idade, filiou-se na *musica velha*, hoje denominada Banda dos Bombeiros Voluntarios á qual pertenceu, como se vê, durante o largo periodo de 53 anos e da qual, ha 32, era o seu regente, consciencioso, autorisado e persistente.

Conseguiu várias vezes explendorosos triunfos para a sua Banda: em Lisboa, por ocasião dos festejos comemorativos do descobrimento da India; em Coimbra num célebre certamen musical, alí realizádo; em Vouzela, crêmos nós, em manifesto confronto com uma das mais autorisadas e completas bandas militares, que não obteve excessiva vantagem, recebendo então do proprio regente seu antagonista, as mais sincéras palavras de admiração e de encomio.

Manteve pois, com inexcedivel dedicação o valôr e prestigio do nucleo musical a que presidia e a quem Aveiro deve, sem duvida, referencias honrosas e lisongeiras, incontestavelmente provenientes da nunca desmentida solicitude de João Pinto de Miranda.

Feito vereador nas primeiras eleições câmararias depois da implantação do novo regimen, esta-va novamente incluido na lista que o adiamento do acto eleitoral fez suspender.

O FUNERAL

foi uma grandiosa e significativa demonstração de apreço, de estima e de saudade que os seus patricios e compatriotas, sem distinção de classes, prestaram á memoria de João Miranda, no mesmo dia 29.

Apezar da chuva persistente e abundante, o cortejo pôz-se em marcha ás 16 horas, encorporando-se nele elevado numero de individuos, algumas centenas, que acompanham o feretro á igreja de S. Domingos onde é celebrado o responso.

Atraz da carrêta dos Bombeiros Voluntarios, que o conduzia, e seguidos duma compacta multidão, descoberta, os srs. Bernardo Torres, presidente da Comissão Executiva da Câmara, com a chave; Carlos Mendes, inspector dos incendios, com o bonet e batuta pertencentes ao finado; José Gonçalves Gamelas e José Maria dos Santos Victor, com duas formosissimas corôas, oferta da familia e da Banda. Em frente ao adro, pegam-lhe e conduzem-no á mão até junto da éça que se levanta ao centro da igreja, os velhos e intimos amigos do extinto, dr. Eduardo Silva, Julio Cristo, Alfredo de Brito e Arnaldo Ribeiro.

O templo, coberto a pezados panos negros, guarnecidos de largas listas prateadas, estava repléto. A' volta do cadaver, numerosos lumes tremulam sinistramente. No côro, a orquestra José Estevam, regida pelo distinto chefe da banda de infanteria 24. Os seus acordes, tristes e sentidos, ecoam pela amplidão, repercurtindo-se dolorosamente no espirito dos presentes. Mas quando o volumoso côro de vozes, plangente e comovido, irrompe o seu cantico, gráve e dolente, ritmo de musica sacra e melancolicamente mistica, uma impressão viva e agudamente sentida se aposa de numerosos corações, que traduzem em lagrimas, ardentes e abundantes, a tortura que experimentam! Pareceu-nos então, na atribulação dos nossos sentidos abalados, que se agitava, erguendo-se, quem tantas e tantas vezes dirigira ali, com mão de mestre, os mesmos canticos, os mesmos acordes, que agora, na imobilidade formidavelmente horrorosa da morte, a eles era insensivel, alheio, frio.

Terminada a cerimonia religiosa o ataúde volta para a carrêta levado, desta vez, pelos representantes das duas corporações de bombeiros, organisando-se de novo o cortejo, que segue a caminho do cemiterio.

OS TURNOS

Dâmos, pela sua ordem, os que foram organisados desde a casa mortuaria:

1.º

Constituido pelos srs. dr. José da Gama Regalão, juiz de Direito; dr. Campos Amorim, delegado do Procurador da Republica; general Domingues e capitão Belmiro Duarte Silva.

2.º

Dr. Antonio Duarte Silva, padre Antonio Encarnação, José da Fonseca Prat e F. da Encarnação.

3.º

Pompeu da Costa Pereira, Julio Cristo, dr. Ornelas Regalão e Barreiros de Macêdo.

4.º

José Maria Pereira, comandante da Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes; Firmino Fernandes, comandante dos Bombeiros Voluntarios; João Bernardo, representante da Banda dos Voluntarios e Manuel Pinto da Silva, pela Banda de José Estevam.

5.º

Dr. Eduardo Silva, Luiz Couceiro da Costa, dr. Jaime Duarte Silva e Antonio Augusto da Silva.

6.º

Dr. Antonio E. de Almeida Azevedo, João Ferreira Leitão, João Aleluia e Agostinho de Souza.

7.º

Mariano Ludgero Maria da Silva, Antonio Maria Ferreira, João da Cruz Bento e Tomaz Vicente Ferreira, vereadores da Câmara.

8.º

José Marques de Almeida, Antonio Marques de Almeida, Francisco Homem Cristo e Manuel Homem Cristo.

9.º

Dr. Joaquim de Melo Freitas, F. da Silva Rocha, José Ferreira Pinto de Souza e S. Magalhães.

10.º

José do Casal Moreira, Jeremias Lebre, Augusto de Oliveira Lopes e dr. Alberto Ruela.

11.º

Dr. Marques da Costa, Fortunato Mateus de Lima, Ricardo Campos e Luiz Henriques.

12.º

Capitão Marques da Naia, Antonio Lé, Alexandre Corrêa e Albino Pinto de Miranda.

13.º

Francisco Marques da Silva, Horacio de Seabra, José Carola e Manuel Leitão.

AS COROAS

Eram assim confeccionadas: De violêtas, glicinias, martirios, amores perfeitos e crisantemos, com a seguinte dedicatoria: *Ao seu saudoso chefe—Homenagem da orquestra e Banda dos Bombeiros Voluntarios.*

De violêtas, jacintos, rosas chá, junquilhos e crisantemos, com a dedicatoria: *Eterna saudade de sua esposa, filhos e genro.*

DISCURSOS

Chegado o feretro junto do monumento dos martires da Liberdade, á roda do qual se apinhava um numero incalculavel de pessoas, o sr. dr. Melo Freitas, que já ali o aguardava, exclama:

Ei-lo que chega, com a palidez marmorea da sua imobilidade, o cadaver de João Pinto de Miranda.

Sereno e puro, honesto e trabalhador, a sua existencia decorreu nesta cidade de provincia conquistando um logar de destaque, porque ele era uma quantidade, uma força moral importante neste meio.

Agora que vem em demanda da ultima estancia, *domus ultima*, agora que ele aqui está deante de nós na dôce tranquilidade do fecho duma carreira ofegante, é tempo de dar balanço ás suas qualidades, apreciando as suas acções.

Foi um homem de berço humilde e sempre modesto, desinteressado e generoso; obedeceu a uma linha inquebrantavel de correcção.

Ninguem póde deixar de se descobrir com respeito deante do seu cadaver.

Ninguem se apresentará aqui a formular contra qualquer desatenção, ou intriga, ou desfavor

que o saudoso defunto provocasse.

E' costume perante o ataúde dos privilegiados dizerem-se palavras de despedida, ás vezes por sinal lisongeiras e exageradas, mas é dever nosso perante os que foram assinalado exemplo de honradez e civismo, relembrar as suas virtudes.

O bem que fez, a saudade que deixa são testemunhas do sentimento de todos nós, e do sentimento desta cidade.

Espirito disciplinado ele foi sempre indulgente e tolerante.

Chefe da Banda dos Bombeiros Voluntarios aqui se encontram aqueles que lhe obedeceram como a um amigo, aproveitando as suas lições, guiando-se pelos seus conselhos e pranteando-o agora porque partiu para a mais longa viagem desconhecida, e todos deploram a sua falta, certos de que muito tempo tem de passar antes que apareça alguem que com tanta competencia e tanto carinho saiba desempenhar aquele logar.

O dia de hoje obumbrado de nuvens, incerto e vário, é bem a fototipia do estado do nosso espirito entristecido. As lufadas do vento e as bategas de agua, que cortam a atmosfera pardacenta, fazem-me lembrar que quando morreu o avô de Michelet, a sua viuva dizia ao neto, aconchegando-o com ternura:

— Já hoje chove sobre *ele!*

Quem nos diria a nós que festejando-se ontem a inauguração da nova casa da Associação dos Bombeiros Voluntarios, alçando-se o seu pavilhão com altivez, a trapejar ao sopro da aragem, hoje o veriamos a meia haste e os seus consocios enlutados por um desgosto tão cavo e tão profundamente sentido!

Nós, os velhos republicanos, sabiamos da crença arreigada, da intensa fé democratica que sempre norteou os actos do saudoso extinto. Era um dos nossos e sempre contámos com ele, considerando-o um velho e excelente camarada.

A sua aptidão artistica era conhecida e apreciada, e quiz o destino ou a fatalidade que ele permanecesse em Aveiro, nesta terra que lhe foi berço e que tanto e tanto estimou.

Afinal a unica grande preocupação dos vivos, é justamente a morte e todos teremos que sugeitar-nos a esse transe definitivo.

Isabel de Wied, Carmen Silva, rainha da Roumania, escreveu que em face da morte é preciso ser-se pietista e exclamar:—Meu Deus, cumpra-se a vossa soberana vontade!—ou ser-se filosofo e dizer: —Natureza, acato as tuas leis ainda quando elas me esmagam!

Ainda ha pouco, na igreja de S. Domingos, as preces religiosas entoavam o soléne *requiescat in pace*, e eu pensei e reflecti, que os mortos, serenos, imoveis e mansos, de nada precisam já senão das orações dos crentes e das lagrimas e saudades dos amigos, mas o que eu reclamo é a *paz entre os vivos*, a confraternisação e auxilio mutuo e a tranquilidade dos espiritos!

Após este discurso, o sr. Manuel da Paula Graça, lê:

MEUS SENHORES

Reconheço ser preciso revestir-me de uma extraordinaria coragem para aqui, neste lugar onde todo o sêr humano vem terminar a existencia, a vida que lhe é dada a titulo de emprestimo, vir em nome da orquestra e côro de vozes da Banda dos Bombeiros Voluntarios de Aveiro dizer o ultimo adeus ao que foi seu saudoso amigo e chefe e que em vida se chamou João Pinto de Miranda. Coragem que me é precisa não só porque a comoção que sinto é grande mas ainda porque não tendo dotes oratorios me considéro um pigmeu ao lado de extraordinarias inteligencias que neste mesmo lugar têem glorificado e exaltado as virtudes de tantos mortos ilustres que neste recinto repouzam e dormem o derradeiro somno.

Quereria, meus senhores, possuir no atual momento, ainda que por emprestimo, se isso possivel fôsse, uma vasta inteligencia, para com frases repassadas do mais fino estilo, dizer o que foi a vida desse homem que a terra vai recolher em seu seio. Quereria, sim, possui-la para exaltar as suas virtudes, dizer o quanto valia o seu saudoso coração e a amizade que tributava ao grandissime numero daqueles que tivéram a suprema ventura de serem seus amigos e seus discipulos.

O seu bondoso coração por ter acudido a tanta desventura, enxugado tantas lagrimas e guiado com seus conselhos todos quantos tendiam a desviar-se da linha de conduta que todo o homem de bem deve trilhar; a sua amizade por ser muita e sincéra a que tributava aos seus amigos e á corporação que, com o seu saber e competencia, ele com tanto amor dirigia.

Mas, além de infelizmente eu não possuir a inteligencia que desejava, vejo não ser preciso reproduzir aqui o que é do conhecimento de todos que o conheciam, grandes e pequenos, pobres e ricos, inteligentes e humildes.

Todos sabem o que ele foi. Para mim, pessoalmente, e como chefe, um grande, um bom, um sincéro amigo; para os outros, em poucas palavras, como sei e como posso eu sintetiso o que ele foi: um grande coração, um desinteressado protector e um grande mestre; e para os seus, sobretudo, foi um bom irmão, bom marido, extremoso pae, finalmente um exemplarissimo chefe de familia.

Ao modesto como poucos, pois de modestia foi toda a sua vida, eu venho, pois, por mim e pela corporação que dirsgia, dizer o ultimo adeus e render-lhe o preito duma infinda saudade.

Adeus João Miranda!

Por sua vez o sr. Francisco de Matos Junior, lê tambem:

Meus senhores

Dolorosamente surpreendida pela inesperada e dura fatalidade que lhe roubou o seu querido mestre de ha 32 anos, a Banda dos Bombeiros Voluntarios vem trazer-lhe junto á sua derradeira morada, palavras de sentida dôr, de imorredoura saudade que o decorrer de muitos anos não conseguirão extinguir.

Ha 53 anos que João Pinto de Miranda vivia em nossa intima comunhão, pois desde a idade de 9 anos, as suas precóces aptidões musicaes o trouxeram até ao nosso nucleo, onde evidenciando dia a dia as suas, valiosas qualidades, atingiu a suprema direcção de todos nós. Os nossos mais estrondosos triunfos assim como as paginas mais belas da existencia da colectividade, a ele se devem em exclusivo, á sua persistencia, ao seu saber, á sua nunca desmentida bôa vontade que jámais esmoreceu em tão largo periodo na lucta pela nossa maxima perfectibilidade, na justificada ambição de que os triunfos da Banda viessem, intactos, reflectir-se na sua terra, que ele tanto amava.

Sacudidos pela mesma dôr e pela mesma saudade, aqui estamos todos reunidos, juntos á sua sepultura, dizendo o ultimo adeus ao mestre querido, ao companheiro de ha tantos anos, de quem neste momento de verdadeira angustia não podemos bem pezar a enormidade da sua falta, nem a grandeza da sua perda, porque parece que dele nos vem ainda o seu conselho e a sua lição.

Adeus, adeus bom mestre e querido amigo. Adeus. E se é dado ouvir-se nas regiões etereas as palavras dos que ficam, atende bem na verdade com que são ungidas as que em nome e do coração de todos nós, aqui te viemos dizer.

Profere igualmente algumas palavras sentidas o sr. J. de Pinho e por ultimo, conseguindo dominar a comoção que o alanceiava, fala o nosso director, que, em seu nome, no da Associação dos Bombeiros Voluntarios e no dos amigos mais intimos de João Pinto de Miranda, lhe diz o ultimo adeus, exalçando-lhe a memoria e apresentando-o como um exemplo que deve servir de guia aos que pretendam viver honestamente dos seus proprios recursos moraes e intelectuaes.

Era quasi noite quando o cadaver do nosso malogrado conterraneo deu entrada na capéla do cemiterio, onde ficou velado por membros da Banda até ao enterramento, no dia seguinte. Deixámo-lo a essa hora. E se é certo que ao apartarmo-nos para sempre do querido amigo abundantes foram as lagrimas que tivémos de enxugar, duvidas não póde ter a sua estremosa familia do sentimento com que lhe apresentamos as condolencias deste jornal, sincéro e verdadeiro em todas as suas afirmações.

EXAMES DE ADMISSÃO

Lecionações por Maria de Melo e Costa, Norbinda de Melo e Costa e José Teixeira da Costa.

"Jornal d'Albergaria,,

—=(*)=—

Este nosso coléga, semanario tão independente que se coloca acima da verdade rigorosa dos factos, pará ageitar, a seu modo, em proveito da sua grei, tudo quanto lhe apraz, deu-nos a honra de se nos dirigir nas suas colunas, mas tão infeliz e menos verdadeiramente que julgamos, como dever inadiavel, dizer mais uma vez da nossa justiça, visto convencermonos de que desconhece toda a mizeria politica e moral que ha anos sistematicamente se desenvolve em Aveiro, sem consideração por nada nem por ninguem.

Diz a folha albergariense que sômos oraculo duma das tres *igrejinhas* politicas da sua invenção, não tolerando que se nos tenham anteposto, prevalecendo por isso para as outras o prestigio e o goso proveniente das simpatias e favores do sr. Afonso Costa. E mais adeante, noutra pagina, reproduzindo um trecho do *Democrata* que implica um grito de altivo protesto contra essa podridão que para aí alastra, vem injusta e... indelicadamente dizer-nos que o rotulo que usâmos é falso, descobrindo que ele não condiz com o sub-titulo deste jornal—*republicano radical!* Ora ouça o coléga:

'Não combatemos o sr. Afonso Costa por despeito, por ambição dos seus favores ou por outro qualquer sentimento.

Combatemo-lo, sim, quando o vimos cobrir com o seu nome, com o seu prestigio e com o seu valor, actos e pessoas que brigam aberta e afrontosamente com a pureza do regimen, que se não implantou para ser nas mãos de ninguem uma ridicula... solução de continuidade daquele que morreu, infeccionado pelo efeito deleterio dos seus crimes. Mas esta atitude certamente não implica a recusa dos nossos aplausos aos actos e ás medidas que o mesmo homem publico possa de bom realisar.

Nós, primeiro que tudo, acima de tudo, sômos republicanos e o radicalismo dêsse principio traduz apenas a defeza, a luta pela intangibilidade da maxima perfeição, da imaculada moralidade que desejâmos e queremos vêr integrada dentro das instituições; esse radicalismo é a recusa formal, a guerra sem treguas áqueles que, inimigos acintosos do regimen, transfugas de todas as situações politicas dentro da monarquia, vieram ás primeiras horas para a Republica receber os abraços do snr. Afonso Costa, a sua escandalosa protecção, com manifesto desprimor e afrontoso abandono de quantos sacrificaram a vida, a bolsa, a liberdade nas horas amarissimas da luta e do perigo. Desta *igrejinha* é orgão o famigerado *Camaleão*.

Esse radicalismo é o permanente protesto contra o favoritismo dispensado, tambem com gráve escandalo e vergonhosissima afronta á moralidade do regimen, a determinados republicanos que acima de tudo colocaram a barriga, desempenhando quatro e cinco empregos e ainda a outros *correligionarios* que, na prespectiva de bôa fatia para eles, aparecem, cobrindo com defezas vergonhosas, a mizeria destes arranjos, o mais alto e inconfundivel testemunho de descredito para o principio politico que todos nós dissémos não permitir nem tolerar, mantidos, porêm, pelo sr. governador civil do distrito que, por sua vez, tambem se faz medico nas reinspecções militares dentro da propria circunscrição!

Desta *igrejinha* é orgão a chôcha folheca de que um *badaméco* qualquer faz viscondessa, tornando-a mais insipida que toda a insipidez do seu infelicissimo... espirito.

Como esse periodo, que o coléga nos dá a honra de reproduzir, perguntando porque o não pômos em evidencia na primeira pagina, temos centenas insertos na coleção do *Democrata*.

Convencemo-nos que o *Jornal de Albergaria* não nos tem lido com persistencia de ha um tempo a esta parte. A sucessão dos nossos numeros e a sua respectiva leitura teriam, por certo, evitado que o coléga désse uma manifesta demonstração de que veio discutir e apreciar factos que não conhece, nem no seu inicio, nem na sua generalidade.

Incoerentes não sômos. Incompetentes, diz o coléga? Mas acreditará que tal qualificativo deve ser estreitamente acompanhado da confissão dos que nos fazem a justiça de acreditar que pela nossa parte ha a maior lealdade e o maximo desejo de nos mantermos dentro da verdade inconfundivel e da pureza insofismavel das nossas intenções.

De resto, as taes palavras do *homem* que o coléga cita, foi tão infeliz no conceito que delas pretende tirar a nosso respeito, como da procurada autoridade de quem as escreveu.

Elas traduzem apenas a eterna orientação do seu autor, tão miseravelmente evidenciada em todos os tempos—como o coléga sabe.

E por hoje nada mais, que o tempo falta e o espaço é curto.

EXEQUIAS

No proximo dia 9 celebrar-se-ão na matriz da Vila da Feira solénes exequias pela alma do ex-abade da Arrifana, o saudoso Manuel de Oliveira Costa, que foi uma das primeiras figuras de destaque no concelho, gosando em todo ele de grande prestigio e simpatia.

Tocará durante a cerimonia a musica de S. João da Madeira, sob a habil regencia do distinto compositor feirense, sr. Antonio Martins, que para o piedoso acto tem em ensaios uma missa de *requiem* da sua lavra, cuja execução se espera venha a ser mais uma afirmação dos creditos gosados pela apreciavel orquestra.

Do panegirico do pranteado morto encarregou-se um distinto orador da tribuna sagrada, contando o grupo de amigos que promove esta solenidade funebre á memoria de Oliveira Costa que ela revista excepcional imponencia, atendendo aos serviços por ele prestados ao concelho onde nasceu, viveu e morreu.

A Junta Geral do Distrito, de que o finado era respeitavel membro, far-se-á representar.

Até á hora do nosso jornal entrar na maquina, não nos foi entregue qualquer original referente á rectificação do discurso do sr. dr. Brito Guimarães, proferido no Congresso sobre o Regulamento da pesca na ria de Aveiro, e por s. ex.ª anunciada para este numero.

Notas mundanas

Com destino ao Pará onde vai gerir os negocios duma importante casa comercial, seguiu nos principios da semana, depois de nos ter vindo dar o seu abraço de despedida, o nosso presado amigo sr. Antonio Aguiar, que na séde do concelho de Macieira de Cambra dirigia desde o seu aparecimento á luz da publicidade O Povo de Cambra, *semanário republicano democratico.*

Estimando que a fortuna o não desampare e que brêve possa voltar á sua tão amada e querida Patria, fazemos ardentes votos por que tenha uma feliz viagem e largas compensações do trabalho que, esperançoso, vai desempenhar.

✤ *Tendo-se sentido ligeiramente encomodado, guarda o leito o sr. Augusto Guimarães, a quem apetecemos pronto restabelecimento.*

✤ *Continua melhorando, o que noticiámos com jubilo, o sr. dr. Eduardo Moura.*

✤ *Está justo o casamento da sr.ª D. Ilda Melo, prendada filha do abastado proprietario e capitalista, snr. comendador Manuel da Silva Melo, da Ponte da Rata, com o activo comerciante local e nosso simpatico amigo, sr. Manuel Maria Moreira.*

✤ *Consorciaram-se em Vagos o snr. Viriato da Graça Trindade, filho do sr. João José Trindade, e a snr.ª D. Herminia de Oliveira Sergio, filha do rico proprietario sr. Manuel de Oliveira Sergio e irmã do sr. Artur Sergio, antigo republicano.*

✤ *Tambem teve logar na mesma vila o enlace do sr. Artur da Graça Trindade, dedicado amigo nosso, com a menina Alexandrina Gravato.*

Felicitâmos os nubentes.

✤ *Fixou de novo residencia em Aveiro o snr. Antonio Ponceleão Barbosa.*

✤ *A despedir-se de sua familia, pois tem de acompanhar uma das primeiras expedições militares á França, esteve na Costa de Valado o snr. José Nunes Ferreira, que ontem seguiu para a capital.*

✤ *Vimos esta semana em Aveiro os snrs. José Francisco Marcelino, da Palhaça e Antonio Simões Sarrico, do Outeirinho.*

BRINCADEIRA FUNESTA

Na proxima freguezia da Oliveirinha deu-se na ultima semana um desastre que emocionou toda a população, sendo narrado da seguinte fórma: Para os trabalhos do campo haviam partido o snr. Antonio Rebelo, sua mulher e um filho, isto do lado da tarde. No aido ficaram os restantes quatro filhos, um rapaz e tres raparigas, deliberando aquele, que tem pouco mais de 7 anos, a alturas tantas da brincadeira com as irmãs dentro duma cabana feita de palha, ir assar um pedaço de bacalhau, que foi buscar á cosinha, e que trouxe para junto da casinhola onde acendeu o lume. Não tardou, porêm, muito que o fogo se comunicasse á cabana, envolvendo-a. O rapaz berrou então ás irmãs que fugissem, mas estas, coitaditas, atarantadas com o fumo e devido á sua tenra idade, pouco mais fizeram do que ensaiar a retirada. Só a mais velhita, de 5 anos, irrompeu atravez o fogo, incendiados os cabelos, sufocada, quasi exanime. As outras lá ficaram, só vindo a ser retiradas quando a visinhança acudiu e as levantou de sob a foguei-

ra prestes a carbonisa-las por completo.

Tinham ainda vida. E assim, foram transportadas imediatamente á Farmacia Ribeiro, na Costa de Valado, onde tambem compareceu o considerado clinico da localidade, dr. Abilio Marques, que aó iniciar os primeiros curativos logo verificou serem improficuos todos os esforços para as arrancar a uma morte certa. Com efeito, de aí a pouco não restavam mais do que dois cadaveres, em presença dos quais a familia não poude conter a sua infinita dôr, banhada em pranto ante tamanha desgraça.

Foi uma scena lancinante, que a todos comoveu, produzindo funda consternação.

A canalha... a canalha...

Os livros do povo

Saíram mais dois volumes desta imprescindivel obra de propaganda, intitulados respectivamente *O tributo de sangue* e *A boa educação.*

Pódem ser adquiridos por 4 centavos cada um em todas as livrarias que os expõem á venda ou então na *Livraria Profissional*, L. do Conde Barão, 49, Lisboa.

Não nos cançaremos de os recomendar a todos os nossos leitores que queiram guiar-se e guiar a mocidade por normas diferentes daquelas porque andava acorrentado o país.

A festa dos bombeiros

Não poude ser completa, mas ainda assim revestiram certo brilho os numeros do programa marcados para sábado e domingo.

No primeiro dia efectuou-se um copo de agua em que tomaram parte os graduados da Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, trocando-se entre as duas corporações afectuosos brindes de mutua estima. No segundo teve logar, ás 12 horas, a posse do novo edificio, cuja chave foi entregue pelo sr. Bernardo Torres, presidente da Câmara, ao sr. Arnaldo Ribeiro, presidente da Direcção dos bombeiros, proferindo ambos bréves alocuções alusivas ao acto. Aberto o portão de entrada desfilou a companhia com todo o seu material para dentro do novo quartel, que de aí a pouco era franqueado ao publico em grande massa espalhado nas suas imediações.

Na parada efectuou-se o anunciado exercicio, ao qual assistiram inumeros convidados, decorrendo os trabalhos por fórma a merecerem os elogios daqueles e no fim uma estrepitosa salva de palmas com que foram coroados os esforços e a dedicação dos nossos artistas á causa humanitaria que um corpo de bombeiros simbolisa.

A instancias da Direcção, dirigiram-se em seguida ao primeiro andar os seus hospedes a quem na grande sala destinada ás assembleias geraes, é servido um delicado copo de agua como reconhecimento pela sua honrosa presença ás festas preparadas para a inauguração do predio que o municipio lhe acabava de entregar. Brinda por essa ocasião Arnaldo Ribeiro a todos que á volta da Direcção se encontram, terminando por desejar as maximas prosperidades aos protectores da Associação afim de que nunca falte a esta o valioso auxilio que lhe teem dispensado com tanta espontaniedade e desvelo.

Os srs. dr. Luiz Pereira do Vale, Francisco Regala, Bernardo Torres, Firmino Fernandes e dr. Alberto Ruela fazem tambem diversos brindes, depois do que todos se retiram, continuando durante a tarde o quartel em exposição.

Pela respectiva Banda foram executados no interior alguns trechos de musica, indo no final do concerto o corpo activo, devidamente uniformisado, cumprimentar ás suas residencias o sr. Inspector dos incendios e segundo comandante, como remate das festas desse dia e que não puderam ir além devido á morte de João Pinto de Miranda, chefe da Banda e membro do concelho fiscal da Associação, ocorrencia de que nos ocupâmos noutro logar.

O exercicio, que foi a parte principal da festa, repetir-se-á num dos proximos domingos, devendo a entrada ser franca para todos que a ele desejem assistir.

Pela nossa parte, saudâmos a prestante corporação não só pelo aniversario que acaba de passar, mas tambem por ao cabo de tantos anos ter conseguido uma das suas maiores aspirações como seja a casa onde definitivamente se instalou na Rua da Revolução.

SUICIDIO

—(*)—

Uma odissêa de dôr

Mal ela viéra ao mundo, a mãe, desnaturada e crúa, lançára o pequenino ente á margem, abandonando-o sobre um montão de detritos onde o cão duns lavradores, que passava, o foi descobrir, altas horas da noute.

Levaram então a creança para um peito amigo que lhe deu vida e aos 7 anos entrava no asilo, refugio sagrado dos infelizes.

Chegou, porêm, o dia que a lei obrigava a rapariga a abandonar aquela casa e abriu-lhe os braços protectores uma pobre velhinha, Conceição Maria de Oliveira, que recebeu a protogonista desta triste narrativa—Augusta Celeste.

A doença e toda a sorte de sofrimentos principiaram a abalar-lhe a saude já debil, e atormentava-a persistentemente a ideia de que o desaparecimento da sua protectora, sería a sua quéda fatal na maior das misérias.

Era, porêm, um excésso de pessimismo que o cérebro enfraquecido avolumava, contudo, dia a dia.

Assim, na noute de domingo para segunda-feira, certificando-se a Augusta de que a velhinha dormia, ergueu-se e colocando sobre uma meza a roupa branca que lhe deveria ser vestida depois da sua morte, encaminhou-se para o quintal, cingiu ao corpo a saia depois de a traçar e pregar cuidadosamente e no pavor da noute tempestuosa e assustadora, com um estoicismo que nos subjuga, ela, a infeliz, a desgraçadinha, sem uma vacilação, sem um estremecimento, deixou caír dos hombros o leve agasalho que a cobria, tirou dos pés os chinelitos de trança, subiu ao poço e... precipitou-se!

No aterrador silencio da noute perdeu-se o lugubre ruido da quéda; a agua agitou-se; uma leve convulsão denunciou a morte rapida da infeliz e de novo serenou, na sua quietude pavorosa de esquife, a agua do poço, que tinha então no seu seio um cadaver para quem a vida sempre fôra uma dôr cruciante: desde a hora amarga do nascimento, á hora lugubre do seu exterminio!

Pobre martir!

Ultima hora

—(*)—

MANUEL NÉTO

Com a pena ainda tremula de escrevermos,cheios de saudade, sobre a perda dum amigo querido, eis que a morte nos rouba outro, não menos prestimoso e bom, generoso e altruista.

Hoje de madrugada faleceu Manuel Gonçalves Néto, a quem uma gráve doença retinha, ha semanas, no leito.

A hora adiantada impede-nos de fazermos as considerações que a tristissima ocorrencia nos provoca, limitando-nos por isso neste numero a apresentar a toda a sua familia o nosso cartão de pêsames.

"Horas Suaves,,

Em esmerada edição da *Livraria Central*, desta cidade, de que actualmente é proprietaria a firma Torres, Moraes & C.ª acabâmos de receber um volume de 258 paginas com o titulo da epigrafe e no qual o seu autor, snr. Orlando Marçal, escritor e poeta muito conhecido, traça vários aspectos e impressões da vida com encantadora arte, como é proprio do seu elevado espirito.

Dele nos ocuparemos mais de espaço, cumprindo-nos entretanto desde já agradecer á *Livraria Central* a sua penhorante oferta.

Anuncios

EDITAL

Jaime Afreixo, capitão do porto d'Aveiro, etc.

FAÇO SABER QUE:

No dia 11 do proximo fevereiro, ás 14 horas, na casa do posto fiscal da praia de Esmoriz e na presença do representante desta Capitanía, se procederá á venda em hasta publica, do casco do galeão *O Valente*, que se acha encalhado e abandonado um pouco ao sul da mesma praia, sendo de 12$00 a base da licitação.

O arrematante fica obrigado a entregar a esta Capitanía quaesquer roupas ou outros pertences da tripulação que porventura encontrar dentro do barco.

Capitanía do porto de Aveiro, 27 de Janeiro de 1917.

O Capitão do porto,

J. Afreixo